

## REFLEXOS DE UM COTIDIANO: UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA PELOS DESCENDENTES ITALIANOS<sup>1</sup>

### DAYLY OBSERVATION: THE USE OF PORTUGUESE BY ITALIAN DESCEDANTS

Nauria Inês Fontana\*

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma breve explanação de como o dialeto italiano foi sendo excluído da oralidade entre os descendentes italianos, tendo por referência depoimentos relatados no Museu da Pessoa. Com o objetivo de mantermos nossa memória social, buscamos, nesses relatos orais, de pessoas comuns, algumas das razões para o abandono da língua original na breve história da imigração italiana em nosso país. A língua utilizada, no caso dos imigrantes italianos, era tratada como um dialeto e permanece viva em nossa comunidade, especialmente nos meios rurais e entre pessoas de idade avançada. O presente trabalho procura relacionar o processo da mudança linguística, na comunidade de descendentes italianos, com fatos da história mundial, dentre eles as Guerras Mundiais e a influência das leis, ordens e políticas advindas destas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua italiana. Língua portuguesa. Dialeto.

**ABSTRACT:** Based on the testimonies given at the Museu da Pessoa, this paper discusses how the Italian dialect has been excluded from the oral speech of Italian descendants. Aiming to keep our social memory, the study searched in the oral reports of ordinary people, some of the reasons for the abandonment of the language in the brief history of the Italian colonization in our country. The language used by Italian immigrants was treated as a dialect and is still alive in our community, especially in rural areas and among old people. This paper relates the language change in the community of Italian descendants with world history facts, including the World Wars and the influence of laws, orders and policies that originated from them.

**KEYWORDS:** Italian language. Portuguese language. Dialect.

<sup>1</sup> Artigo reescrito a partir de trabalho desenvolvido no Curso de Letras na Universidade do Contestado, Campus Concórdia, SC, em 2005.

\* Professora da Universidade do Contestado, Campus Concórdia, SC. E-mail: nauria@unc.br

## INTRODUÇÃO

Nos anos iniciais da colonização de grande parte da Região Sul do país, e notadamente na cidade de Concórdia, SC, houve uma forma peculiar de comunicação entre os moradores da região. Esta forma era uma mistura dos dialetos dos imigrantes italianos com a língua portuguesa. Esses imigrantes, vindos em geral do norte da Itália, na sua maior parte já haviam estado também no Rio Grande do Sul e tinham se transferido para o oeste de Santa Catarina, através da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, a partir dos anos de 1920, a fim de encontrarem novas terras produtivas. Dentre estas, muitos se estabeleceram na cidade de Concórdia, localizada na divisa com o estado do Rio Grande do Sul, relativamente próxima das terras dos demais imigrantes. Os motivos eram a semelhança desta região com regiões europeias de onde provinham, além da facilidade de pagamento das terras oferecidas pelas companhias colonizadoras (Ferreira, 1992, p. 83). A forte presença italiana pode ser bem observada neste depoimento a respeito da cidade de Concórdia, na época de sua colonização:

Ah, Concórdia era uma cidade bem de interior, né, bem de colonos de italianos, né, tem um pouco de austríacos também, mas basicamente é colônia italiana do Vêneto, né? Então uma cidade superalegre, e como tinham muitos imigrantes do Rio Grande do Sul... (Depoimento de L.M. F. da S. T.).

As relações, especialmente, sociais e de comércio entre todas as pessoas: imigrantes alemães ou italianos, caboclos e antigos mo-

radadores da região, ocorriam de forma a legitimar a permanência de todos nas suas funções, confirmando o meio de sobrevivência.

Essa língua utilizada, especialmente no caso dos imigrantes italianos, era tratada como um dialeto e permanece viva até hoje em nossa comunidade, especialmente nos meios rurais e entre as pessoas de idade avançada. Assim, observa-se a transmissão de costumes, culturas e dialeto dos avós aos filhos e posteriormente aos netos. Em muitos casos esta transmissão perpetua-se até os dias atuais, tal como observado no seguinte depoimento: “eu aprendi a falar porque os meus avôs falavam italiano” (depoimento de A.M.).

Como era utilizada esta língua, este dialeto? É isto que se pretendeu investigar neste trabalho, baseando-se a pesquisa bibliográfica em material documental. É uma pesquisa descritiva, em que se apresentam alguns elementos históricos da imigração italiana e, ao mesmo tempo, faz-se uma reflexão acerca da língua utilizada, tratada como “língua italiana” até os dias de hoje, especialmente em nossa comunidade, mas na verdade trata-se de um dialeto denominado “**talian**”. Faz-se essa explanação com a utilização de depoimentos arquivados no **Museu da Pessoa**, especialmente de imigrantes ou descendentes italianos.

## IMIGRAÇÃO ITALIANA

O mundo na segunda metade do século XIX estava em crise. Na Itália não era diferente. Lutas políticas do processo de unificação e as mudanças no trabalho do campo, com o desenvolvimento do capitalismo,

desempregavam milhares de pessoas, especialmente camponeses e artesãos. A falta destas duas forças desestruturou famílias, que não mais conseguiam viver no seu país.

O capitalismo também foi outra força que expulsou os trabalhadores rurais quando grandes proprietários invadiram o campo. Os camponeses não assalariados, que viviam uma relação de trabalho semifeudal, cultivando a plantação de subsistência no seu pedaço de terra, com inexpressivo e quase inexistente comércio, foram expulsos do campo, superlotando as cidades, sem encontrar trabalho. (DEL GUERRA, s.d., p. 5). Naquela época, na Itália, quase não havia trabalho. No Brasil, com o café em expansão, e a escravidão em declínio, faltava mão de obra. A emigração foi a opção para resolver os problemas.

Um acordo, “Imigração Gratuita”, firmado entre os governos italiano e brasileiro, distribuía obrigações: o italiano selecionava a mão de obra e o brasileiro custeava a viagem e a distribuição dos imigrantes em seus empregos.

Os italianos vieram para o Brasil. O povoamento se fez com muitas dificuldades, muitas destas foram relatadas em livros sobre colonização italiana. Muitos deles, nas colônias que se estabeleceram, preocupavam-se em manter as tradições. Uma das maneiras era mantendo uma escola italiana para que os jovens aprendessem e assimilassem os valores que se pretendia manter na colônia, relativos à vida na Itália. Outra maneira bem simples era mantendo viva aquela língua utilizada pelos imigrantes. Lembremos que eram pessoas de hábitos e

vida simples, do mesmo modo a língua que falavam não era o italiano padrão, mas um dialeto da região de que provinham, o norte da Itália, na grande maioria das vezes.

Havia apoio do governo italiano e do governo brasileiro. Mas isto não durou para sempre. É de conhecimento que muitos foram “abandonados” a sua própria sorte. Esta foi a “saga” do imigrante...

#### PERCURSOS DA LÍNGUA NO BRASIL

Atualmente, vivem no Brasil cerca de 25 milhões de italianos e descendentes, mas apenas entre 500 mil a dois milhões de brasileiros são falantes da língua italiana.

Se pensarmos especificamente na língua utilizada, no início da colonização, quando os imigrantes chegam ao Brasil, são os brasileiros que procuram facilitar a comunicação tentando falar o italiano, ou seja, o dialeto vêneta ou o mantuano, especialmente no Rio Grande do Sul, para onde haviam sido destinados os imigrantes vindos da região de *Veneto* (Vêneta) e *Mantova* (Mântua), inclusive meus ascendentes.

Durante ao menos quatro décadas, avisos das autoridades municipais são divulgados nas duas línguas, funcionários administrativos e judiciais as misturam em suas anotações e despachos, e as atas e outros documentos das associações assistenciais e profissionais se dirigem em italiano.

A partir da Campanha de Nacionalização, em torno do ano de 1930, falar os dialetos italianos trazidos pelos imigrantes (assim como as outras línguas de imigração) passou a ser visto como algo não patriótico, tal como confirma a autora a seguir:

Isso explica porque, com o passar do tempo, especialmente a partir da metade do século passado, os dialetos italianos já não foram mais ensinados aos filhos e, também, evidencia o motivo do preconceito repassado às características desses dialetos incorporadas pelo grupo à fala em português. (SPESSATTO, 2011, p. 28).

Houve um tempo que, em São Paulo, estimava-se que a língua mais falada era o dialeto italiano:

Cheguei na Água Branca em 1947 e saí de lá quando casei em 54. Fiquei sete anos no bairro. Era um bairro de imigrantes. Tinha muito, muito mesmo. Talvez por isso eu não tenha aprendido português direito. E era mais de italiano. Na Água Branca era 90% italiano ou filho italiano. Depois, tinha outra história: a Água Branca tinha a fábrica Matarazzo e todos os italianos vinham trabalhar nela. E todos lá da fábrica tinham que aprender italiano. Até os portugueses falavam italiano dentro da Matarazzo. Então é por isso que só se falava italiano. (Depoimento de L. G. B.).

Especialmente nos anos relativos à II Guerra Mundial e após esta, houve uma espécie de “abandono” da língua oriunda da Itália, principalmente por “medo” e porque o governo brasileiro havia proibido a utilização desta em qualquer lugar. Há várias histórias de pessoas presas por utilizar a língua, nas suas atividades diárias, comuns a eles.

Os colonos são perseguidos na chamada «nacionalização forçada», pelo fato de não terem se integrado nacio-

nalmente através do conhecimento e uso da língua oficial. Interesses ligados à política estadual também foram elementos determinantes na forma como os descendentes dos imigrantes foram atingidos em sua identidade étnica. Estereotipados como «inimigos da Pátria», eram denominados de «fascistas» e «nazistas» e, como tais, humilhados, presos, extorquidos monetariamente e castigados, a pretexto de terem, às vezes, pronunciado uma só palavra em língua estrangeira. A existência de delatores, recrutados, às vezes, entre os da própria etnia, mostra bem a que ponto a violência se transformou em um movimento de todos contra todos, justificados pela política em vigor. Não se respeitavam nem o espaço privado. Era governador de Santa Catarina Nereu Ramos, em cujo governo, a proibição de expressar a identidade italiana foi reforçada, por um aparelho policial extremamente feroz. (MOSER, s.d., p. 23).

A proibição da língua materna italiana interferiu na vida social, comercial e cultural da comunidade. Isto foi um capítulo à parte de toda a história da imigração.

[...] denunciaram o nome da cachorra perdigueiro que nós tínhamos, não se podia falar mais o nosso italiano dentro do sobrado, porque só a língua italiana era o dialeto, mas era a língua italiana. Então a gente era assim controlado, não podia, de jeito nenhum, sair fora daquilo, porque tinha quem entregasse a gente. A gente era tachado como quinta coluna: o Eixo era Japão, Alemanha e Itália, o Pacto. (Depoimento de J. I.).

Esta situação ocorreu em todo o país, e Concórdia não ficou fora disto. Conforme relatos, as pessoas eram presas por terem sido surpreendidas falando os idiomas proibidos (italiano ou alemão), ou por serem denunciadas como espiãs, na época eram os chamados “quinta coluna”, sendo cometidas muitas injustiças, tal como o relato no depoimento a seguir:

De repente a gente simples da colônia era arrastada prá cidade e metida em cubículos fétidos, sem ao menos um mictório e um colchão para dormir. Os colonos eram usados em trabalhos escravo nas pontas de ruas para serviços forçados e vigiados pela polícia. A humilhação era total. (Depoimento de A. S. in: FAVERO, 2004, p. 88).

Essa fase de ajustamento com os colonos italianos modifica-se para outra, na qual a língua portuguesa tende a impor-se. É mais necessário aprender o português para os homens que negociam e frequentam as povoações.

Entre os dialetos que se reduz a versão original do *veneto*, o qual adquire aí o caráter de uma koioné ou língua geral dialetal com elementos de todos os dialetos da Itália do Norte, porém com predominância no próprio *veneto*. (ROXO, 1998, p. 2).

Os imigrantes são ‘influenciados’ a aprender a língua do país, havendo, ao mesmo tempo, uma indiferença pela aprendizagem do italiano e até o acahamento e a vergonha de falar esta língua.

E o idioma, ele era em casa uma questão bastante... Criou uma necessidade de se

falar português porque como minha mãe falava o dialeto, meu pai não entenderia o que minha mãe falaria, meu pai falava o italiano, mas como ele já tinha tido muita influência do espanhol, do castelhano, ele falava mais castelhano. (Depoimento de F. J. P.).

O *veneto* continua falado habitualmente em casa e na zona rural, particularmente pelos mais velhos, um tanto aportuguesado para uns ou conservando uma série de vocábulos que provêm da herança vocabular deixada pelos seus antepassados e que não são realmente empréstimos do português.

[...] minha avó falava “Nino”: “Vá prendere il latte”. “No.” Sabe o que quer dizer? “Nino, vai buscar o leite.” Três horas da tarde, mais ou menos, e eu “não”. “Vá prendere il latte, que te faccio pigliare um gelatto.” (Depoimento de A. M.).

[...] Que nem “mostarda”, depois que eu fui ver que era brócoli... quer dizer, a gente tinha uma dificuldade porque em casa só se conversava italiano. E quando você ia pra escola você bagunçava, né? Bagunçava porque na escola você aprendia uma coisa e em casa era outra [...]. (Depoimento de A. C.).

A blasfema ou blasfêmia está aproximadamente ligada à vida do campo. Esta imprecação injuriosa e sacrílega contra a divindade e o santo tem sua maior funcionalidade nas tribulações com o meio natural, com a terra, com os fenômenos meteorológicos, com as pragas que afetam as plantas e os animais. Em suma, a blasfêmia é um elemento do complexo religioso da cultura agrária de origem. Revela a crença de que a

natureza reflete a vontade dos entes sobrenaturais e que as suas perturbações podem ser encorajadas por apelos dramáticos, em forma de desafios à divindade. Talvez as palavras ligadas ao “bestemar” são as que permanecem mais vivas até hoje.

Dava assim, tempo para que trocássemos os enormes palavrões sobre os adversários e também pelos companheiros quando falhavam naquilo que esperávamos de suas atuações. Esse bate-boca, principalmente quando citávamos os palavrões, eram ditos em italiano (nem sempre castiço) para acompanhar a moda que cada um daqueles meninos trazia de suas casas. (Depoimento de D. de C. M.).

Essa língua está presente até hoje, e se não está é porque houve fatores que influenciaram para que isso não ocorresse, tal como podemos comprovar nos depoimentos coletados, tal como o de D. F.:

Nós falávamos o italiano em casa, mas depois que nós mudamos para o norte do Espírito Santo, eu já tinha uns 14 anos, aí nós paramos de falar porque a região onde nós fomos morar o pessoal ria, aí a gente eu acho que nós éramos tímidos, a gente achava que... aí paramos de falar, tanto que os meus irmãos menores quase não falam italiano, e eu depois – eu sempre falei italiano, eu sempre vi o meu pai e a minha mãe conversar em italiano – mas aí depois nós paramos, até eu hoje tenho dificuldade de fazer, não é o italiano é um dialeto que a gente tinha, a gente só falava o dialeto na família inteira. Depois nós paramos de falar porque mudamos para o norte do Es-

pírito Santo e lá era ninguém, não tinha italiano quase, nós mudamos pra uma região que tinha pouquíssimo, nem encontrava quase italiano, então a gente foi passando e esquecemos um pouco. (Depoimento de D.F.).

A escrita é condição básica e necessária, para o surgimento do pensamento lógico ou racional, embora não seja suficiente. Os imigrantes que vieram para o Brasil, na sua maioria não eram alfabetizados. Transmitiam seus conhecimentos e cultura verbalmente, através da oralidade. Portanto, aquilo que falavam, por mais que se tratasse de um dialeto, para os falantes era considerado como língua italiana.

Segundo Spessatto:

O processo de alfabetização dos imigrantes e seus descendentes, que poderia ampliar-lhes os conhecimentos da língua portuguesa, foi bastante lento. Além da dificuldade de acesso às escolas, também havia entre o grupo a preocupação com o trabalho, em primeiro lugar. Os filhos representavam uma importante força na mão de obra familiar, seja no trabalho rural ou urbano. Assim, criava-se um contexto que pouco estimulava o acesso à escola. (SPESSATTO, 2011, p. 78).

Sabe-se que nas sociedades orais os indivíduos tendem a pensar através de situações concretas relacionadas a sua vida cotidiana. Talvez por este motivo muitos temas científicos não foram discutidos na coletividade. Meihy assim se refere sobre a tradição oral:

Uma das mais bonitas expressões da História Oral é a tradição oral. [...] ela

remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos. (MEIHY, 1996, p. 45).

Pode-se dizer que a tradição oral é definida como testemunho oral transmitido verbalmente de uma geração para a seguinte. Esta se torna substância daquilo que possuímos, para reconstruir o passado de uma sociedade com cultura oral, que se torna cada vez menos pronunciada, à medida que os grupos vão se alfabetizando e registrando sua cultura pela escrita.

Depois ele – pai – lia o jornal, então ele tinha mais facilidade pra aprender. E ele aprendeu, sabia ler e escrever o meu pai, em português. Agora, a minha mãe não. [...] Nós, filhas de italianos tivemos dificuldades de aprender, até hoje. Porque eu, como a minha mãe morou a vida inteira comigo, né, mesmo depois de casada, minha mãe viveu uma vida inteira comigo, então, a pronúncia dela, os nomes das verduras, de tudo, ela falava em italiano. (Depoimento de A. C.).

Podemos nos identificar através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta-se com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenham um papel de fundamental importância e relevância. Um dos fatos marcantes na história da imigração foi durante a II Guerra Mundial, em que os italianos e muitos dos descendentes foram

convocados para por as mãos em armas e lutar pela Pátria que os havia “expulsado” de lá. Essa é uma história que foi contada de geração em geração, especialmente sobre aqueles que nunca mais retornaram, pois morreram defendendo uma terra que os havia abandonado à própria sorte.

Os brasileiros foram deixar suas vidas à toa lá. A minha mãe chorava e dizia assim: “O italiano imigrou pra aqui pra dias melhores e os filhos vão combater contra os irmãos na Itália”. Foi o que aconteceu: brasileiros deixaram suas vidas lá, descendentes de italiano - porque vieram aqui, eram brasileiros. Era uma época difícil. (Depoimento de J. I.).

Para pensar a língua e sua influência em uma comunidade, não há meio melhor do que analisar a história oral, e uma das maneiras é utilização de depoimentos, tais como os empregados neste trabalho.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há critérios linguísticos e sociais para definir o que é um dialeto. Mas sabemos que o dialeto é entendido como variação linguística empregado numa área geograficamente restrita, em âmbitos limitados, e usado predominantemente como meio de comunicação oral.

Teoricamente é fácil distinguir, mas na prática há uma “confusão” entre língua e dialeto, especialmente no caso dos italianos que aqui moravam. O que eles falavam, na sua consciência, era a língua italiana, mas tratada por todos os outros como um dialeto.

Hoje, entre os descendentes, fala-se menos o dialeto italiano, mas há uma consciência em ter raízes italianas. Nos meios rurais há grande predominância da língua, mas necessitaríamos de uma pesquisa ampla que comprovasse estas “especulações”. Esta é uma das minhas sugestões.

Todos os meus ascendentes são italianos, falo pouco desta língua, mas no meu vocabulário há expressões do dialeto italiano *veneto* ou *talian* (*amore mio, é vero, capichi, eco, porco dio, porco cane*), vindas na herança da família e repassadas aos meus descendentes. É a influência das raízes italianas no meu cotidiano.

Há, no entanto, muitas palavras usadas hoje, no Brasil, de origem italiana, mas nem sempre reconhecidas como tal, de que são exemplos: *pizza, ristorante, pizzeria, pasta, espresso, cappuccino e caffè* em nomes de locais ou cardápios; *tchau* expressado oralmente por milhares de pessoas. É o reflexo de uma época deixando marcas nas gerações atuais e futuras, independente de fronteiras físicas, políticas ou de nacionalidade.

#### REFERÊNCIAS

BERNICCHI, L.G. Liviana Gianni Bernicchi: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

CENTRONE, A. Angelina Centrone: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

DEL GUERRA, R.J. A **San Jose**: uma nova historia. São José do Rio Pardo: centro cultural ítalo-brasileiro, s.d.

FABRES, D. Derly Fabres: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

FAVERO, R.A. **A saga de pioneiros**. Concórdia: Edição do autor, 2004.

FERREIRA, A.G.Z. **Concórdia**: o rastro de sua história. Concórdia: FMC, 2002.

INDIANI, J.I. José Indiani: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

MACIAS, A. Armando Macias: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

MAIA, D.de C. Dimas de Camargo Maia: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (org.). **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MOSER, A. **A Violência do Estado Novo Brasileiro Contra Italianos**. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. Disponível em: <http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=200> Acessado em: 23 set. 2005.

PONZONI, F.J. Flávio Jorge Ponzoni: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

ROXO, S. A imigração italiana no Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.geocities.com/Athens/Agora/3649/>. Acessado em: 23 set. 2005.

SPESSATTO, Marizete Bortolanza. **Varição linguística e ensino**: por uma educação linguística democrática. Florianópolis, SC,

2011. 237 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011.

TELLES, L. M. F. da S. Leila Maria Furlan da Silva Telles: depoimento. Depoimento incluído no *site* do Museu da Pessoa, [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 23 set. 2005.

Recebido para publicação em 08 de jun de 2012.

Aceito para publicação em 19 de jan de 2013.